

(In)FORMAÇÃO

n.º 2 – outubro/2014



Meio Ambiente

Programa Escola da Família

Circulação interna

Editorial

Caro Educador,

é com alegria que chegamos à 2ª edição desta revista eletrônica, então convidamos você a participar com sua leitura e a descobrir as muitas estratégias, aqui apresentadas, para que “o fazer em” e “para a comunidade” fortaleçam, cada vez mais, o capital humano existente nas regiões do Estado.

Neste número, saberá como o futebol pode fazer muitos gols nos campos da leitura e da aquisição da língua inglesa; conhecerá também o belo trabalho de solidariedade em Apiaí.

Dessa leitura irá surgindo a admiração, como quando se deparar com o trabalho dos catadores de materiais descartados – os verdadeiros guardiões do planeta Terra (texto de Maurício Waldman).

No artigo *Espaço que Educa*, encontrará algumas atitudes simples, que fazem a diferença, como o *Jogo Limpo*, prática comum no Programa, desde sua implantação.

Poderá também colocar os olhos na beleza em branco e cinza da arte de Brecheret, que contrasta com as pinturas urbanas e coloridíssimas de Kobra. Entenderá, no depoimento da diretora escolar Miriam Borges, a importância do Programa por significar *oportunidade de cultura, de lazer e de cidadania*.

Deixe-se encantar com a cultura popular de nosso Estado e encontre, nos batelões no Rio Tietê, a fé e a religiosidade dos romeiros. Perceba as múltiplas faces e a importância da Educação, principalmente quando o Programa alonga-se para escutar, atentamente, as vozes do território guarani, que trazem o desafio da tarefa coletiva de reviver e preservar essa cultura.

Assim, na fé dos romeiros e na presença do nheengatu, será possível conhecer nossa gente, formar alianças, ampliar o entendimento de mundo – em prol da busca solidária para cada necessidade das comunidades.

Boa Leitura!

Sumário

Capa.....	1
Editorial.....	2
Expediente / Sumário	3
Conhecer e Aprender: <i>Oficinas de papel machê produzem os primeiros frutos</i>	4
Nossa Gente: <i>Algumas tradições do coração da Paulistânea</i>	5
Artigo / Entrevista: <i>Meio Ambiente – Entrevista com Maurício Waldman</i>	12
Comunidade Leitora: <i>Um dia na escola do meu Filho</i>	24
Vale Muito: <i>Clube de Leitura / Teatro em Família</i>	27
Acontece no PEF: <i>Exposição Victor Brecheret / Horta comunitária / Velhas e novas tradições no território guarani / Dia do bem fazer / Aniversário de 11 anos do PEF / Agita Família</i>	31
Coordenadas: <i>Espaço que educa</i>	45
A palavra é Sua: <i>Sugestões</i>	48

Expediente

Colaboraram nesta edição com: redação, revisão, diagramação e arte-final: Ana Maria Stuginski, Brisa Bejarano Campos, Claudia Aratangy, Elen de Cássia Barreto, Elisabete Barlach, Ivânia P. L. Barros de Almeida, Rosangela Asselta, Ataulfo Santana (Tatá), Thelma Calil Jorge e Janaína Prestes de Lima (vice-diretora/PEF).





Oficinas de papel machê produzem os primeiros frutos

A Diretoria Regional de Ensino de Osasco tem organizado oficinas para ensinar a técnica de se trabalhar com a massa de papel machê. As oficinas foram oferecidas pela Coordenação Geral e o artista e oficineiro contratado foi Sérgio Azevedo, formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e especialista em *design* de interiores. As oficinas foram sediadas na EE “Prof.^a Marina Cintra”/ DE Centro e organizadas em quatro módulos.



A educadora Marilda, que participou do “curso”, está animada por poder repassar a técnica aos educadores do PEF e já começa a perceber os primeiros resultados da aprendizagem. Ela conta que ensinou universitários do PEF, crianças da comunidade e alunos do EJA a fazerem a massa e a modelar.



A massa de papel machê permite criar objetos, os mais variados, de vários tamanhos e para vários fins. Nessa DE a criatividade inspirou-se nas festas de final de ano e foram confeccionadas inúmeras bolas de Natal para decoração

de árvores e ambientes. Satisfeita, Marilda garante que as oficinas têm trazido interesse, participação e muito sucesso.

... a criatividade inspirou-se nas festas de final de ano e foram confeccionadas inúmeras bolas de Natal para decoração de árvores e ambientes.

Fotos:

- 1-Oficina para a comunidade.
- 2-Oficina para educadores universitários.
- 3-Oficina para alunos do EJA.

Algumas tradições do coração da Paulistânia – área de cultura paulista

"A cultura caipira está no nosso jeito de ser. É a cultura que está em nossa casa, nas nossas ruas. É a cultura popular, não a de massa. O embrião da cultura caipira nasceu na época das capitânicas hereditárias e se intensificou com o Ciclo do Ouro, em Minas Gerais (1700 a 1800)" – Luzimar Goulart Gouvêa, professor de literatura da Universidade de Taubaté.

O caipira é originário da "Paulistânia", região que abrangia a Capitania de São Vicente e era formada por todo o Estado de São Paulo e parte dos Estados fronteiriços: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio de Janeiro.

O relevo dessa região não permitia a criação de uma grande agricultura comercial, a exemplo do Ciclo da Cana-de-açúcar, no Nordeste e apenas os menos

abastados de Portugal fixaram residência na capitania de São Vicente, como a região era conhecida. Depois, na Era do Ouro, ainda outros, que tinham um pouco mais de condições, migraram para Minas Gerais. À época, só o homem simples, que vivia da subsistência, ficou.

Portanto, nesse contexto, foi necessária a implantação de uma economia que se fundamentava em uma rede de solidariedade:

- troca de alimentos, cuja conservação se dava por meio da banha de porco ou mesmo de compotas;
- ajudas no campo: mutirões/união/comunidades;
- a religiosidade, já presente em toda a colônia, nessa época, tornou-se latente, propiciando o surgimento de diversos feriados em homenagem aos santos.

"A cultura caipira está no nosso jeito de ser. É a cultura que está em nossa casa, nas nossas ruas."

Acabado o Ciclo do Ouro, grandes fazendeiros voltaram à região, dando início a uma “guerra” para expulsar os caipiras dali e elitizar a área. É daí que vem toda a "pecha" do caipira: do olhar de uma classe social de proprietários rurais e de famílias ricas das cidades para ridicularizar o humilde homem do campo.

Apesar das grandes mudanças no campo, os dias santos ainda hoje são respeitados, e outros costumes, mantidos. Vide o uso de compotas para conservar alimentos, o espírito “comunidade” entre vizinhos e, até mesmo, aquele desejo de que as cidades da região não se tornem metrópoles.

Ainda que o processo de urbanização tenha-se intensificado, muitos saberes e "fazer" da gente simples do interior permanecem vivos. Eles ainda unem e aproximam seus praticantes, sendo instrumentos valiosos de guarda da memória e da identidade de pessoas e grupos. Essas práticas abarcam as

As festas, particularmente, representam momentos de grande importância social. São instantes especiais da vida coletiva, que possibilitam oportunidades de afirmar ou criticar valores e normas sociais, consolidar o espaço da diversão coletiva...

crenças e superstições, passando pelos usos e costumes, linguagem, brincadeiras, artes e técnicas, música, literatura, cultura infantil e outros aspectos mais. Nos últimos anos, esses saberes têm sido nomeados de cultura popular, cultura tradicional-popular e cultura popular de tradição oral.

As festas, particularmente, representam momentos de grande importância social. São instantes especiais da vida coletiva, que possibilitam oportunidades de afirmar ou criticar valores e normas sociais, consolidar o espaço da

diversão coletiva, vivenciar a refeição partilhada, exercer a religiosidade, criar e expressar as realizações artísticas, assim como confirmar os laços de identidade e solidariedade do grupo.

As danças e os folguedos não são apenas "diversão" para serem vistas e ouvidas, são também atos de fé, de

solidariedade, de partilha da vivência e da história comum das pessoas, do presente e do passado, lembrando com orgulho os costumes caipiras.

As celebrações tradicionais paulistas seguem, em linhas gerais, o calendário institucionalizado pela tradição católica, compreendendo determinados ciclos temáticos fixos, como: o natalino e de Reis, entre dezembro e janeiro; o carnavalesco, geralmente entre fevereiro ou março; o da Quaresma e Semana Santa, que se estabelece por 40 dias após a Quarta-feira de Cinzas; o do Divino, que ocorre 50 dias após a Páscoa; e o Junino, sempre no mês de junho. Porém, a maioria dessas celebrações requer uma longa preparação, antecedendo assim, em muito, o momento culminante das comemorações propriamente ditas. Por exemplo: a Festa do Divino costuma ser antecedida, em muitas localidades, por meses de "giros" (percursos) da Folia do Divino para cantar louvores e recolher donativos para a festa.

Algumas comemorações, como as do Divino podem ser realizadas também em

datas diferentes, dependendo da tradição própria de cada localidade. Assim, na cidade paulista de Tietê, ela é realizada no último fim de semana de dezembro. Ainda, festas como as de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito ocorrem em datas diversas. Além disso, há celebrações que independem de ciclos ou datas específicos, como a Dança de São Gonçalo, que se realiza normalmente aos sábados em qualquer época do ano, menos no período da Quaresma.

A devoção ao Divino Espírito Santo constitui-se em um dos fortes núcleos das devoções populares em São Paulo.

➤ Festas

do Divino

A devoção ao Divino Espírito Santo constitui-se em um dos fortes núcleos das devoções populares em São Paulo. Herança do colonizador português, se exterioriza de diversas formas, resultando sempre em grandes festas, sendo estas cheias de pompa e esplendor desde os tempos do Brasil Colônia. Fazem parte da celebração festiva os imperadores, mordomos, bandeireiros, império e levantamento do Mastro do Divino.



As Festas do Divino são difusas por todo o Estado, concentradas no tempo Pentecostal (*Pentecostes é a celebração do calendário cristão que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. Pentecostes é celebrado 50 dias depois do domingo de Páscoa, e no décimo dia depois do dia da Ascensão.*) prescrito pela Igreja e fora dele. São muitos os municípios que as realizam com imponência e fartura de quitutes. Assumem peculiaridades regionais, ressaltando-se as que são organizadas no Médio Tietê, os famosos encontros fluviais das Irmandades do Divino em grandes batelões. Nas do Litoral e Vale do Paraíba multiplicam-se os cortejos de muitos devotos, cada qual com sua bandeira votiva. Ainda nesta região são comuns os cortejos a cavalo (as famosas cavalarias), e a farra do João Paulino e da Maria Angu (bonecos gigantes). Nelas não podem faltar o levantamento do Mastro Votivo, o Império do Divino ricamente ornamentado, e as comidas,

... não podem faltar o levantamento do Mastro Votivo, o Império do Divino ricamente ornamentado, e as comidas, símbolo da maior graça do Divino – a fartura.

símbolo da maior graça do Divino - a fartura.

Regiões: Angatuba, Anhembi, Araçoiaba da Serra, Arandu, Biritiba-Mirim, Buri, Cananéia, Capão Bonito, Caraguatatuba, Conchas, Cotia, Cunha, Divinolândia, Iguape, Itu, Jacupiranga, Laranjal Paulista, Lagoinha, Mogi das Cruzes, Nazaré Paulista, Nuporanga, Paraibuna, Pereiras, Piedade, Piracaia, Piracicaba, Porongaba, Porto Feliz, Ragoinha, Santa Branca, Salesópolis, São Luís do Paraitinga, Silveiras, Suzano, Tietê, Ubatuba, Ubirajara.

Festa do Divino Anhembi – SP

Um mês antes do início da festa, os encarregados promovem a “derrubada das canoas”, um pequeno ritual em que as embarcações saem do seco para serem colocadas no rio Tietê. Já é uma tradição bem antiga e o motivo é fazer a madeira do barco inchar com a água para adquirir o peso adequado, verificar eventuais furos no casco e promover os devidos

reparos. É um ritual necessário porque, como em todos os anos, os barcos serão usados para cumprir uma importante etapa da Festa do Divino de Anhembi. Os irmãos da redondeza vão todos para a cidade de Anhembi e se reúnem na Casa do Divino, onde é servido café e almoço para todos, num ritual cercado de cantigas religiosas. No começo da tarde, seguem para a “casa dos barcos”, de onde saem com as embarcações para o rio Tietê. Essa casa é um barracão construído para abrigar tanto os batelões velhos como os novos, utilizados pela irmandade que produz a festa, e é um verdadeiro acervo histórico de modelos utilizados no passado – os primeiros foram feitos de “um pau só”, Isto é, um só tronco de árvore para construir cada barco.

Com a derrubada dos barcos, a Festa do Divino é oficialmente inaugurada e a pequena cidade, com quase 6 mil habitantes, começa a entrar em clima de festa, que vai perdurar ao longo de um mês. Na praça central já se pode participar de quermesses e bingos e

A Casa dos Barcos “[...] é um verdadeiro acervo histórico de modelos utilizados no passado...”

apreciar quitutes locais. A cada dia, a celebração vai se encorpendo, ganhando atrações e frequência, para chegar ao seu ápice no começo de maio. Todos esses eventos completam a grande lista de preparativos para os três dias de apogeu da festa, quando as atividades se intensificam e a frequência de visitantes aumenta sensivelmente – no auge da festa, a cidade recebe cerca de 30 mil visitantes, vindos das mais variadas regiões do Estado de São Paulo e fora dele.

A festa mantém suas tradições como a comida feita em tachos na casa da festa e nas casas dos “pousos”. Causa admiração a fé desse povo que vem de longe para cumprir uma promessa, bem como os da cidade que passam um mês em comemoração. É um grande evento tradicional, rico em valores espirituais, que conta com a colaboração de todos os munícipes e autoridades locais.

Uma das características mais peculiares da Festa do Divino de Anhembi é a romaria de nove dias que antecede o auge do evento. Nela, o grupo



de romeiros refaz todos os anos a penitência de viajar de casa em casa levando a bandeira e cantando louvores ao Divino. É o que chamam de “Pouso do Divino”, uma tradição cuja origem está ligada à passagem de bandeirantes pela região. O objetivo dessa peregrinação é obter “prendas” das fazendas visitadas – normalmente provisões para as refeições oferecidas pela organização da festa aos devotos: cereais, aves, suínos, caprinos e lenha. A Casa do Divino, sede central dos festejos, permanece aberta durante todo esse tempo, servindo doces, carnes e bandeirinhas, e preparando as refeições para os visitantes: os festeiros e ajudantes, durante o tempo em que visitam os sítios e fazendas, hospedam-se na Casa do Divino.

Dessa romaria depende muito o sucesso da festa: quanto mais angariarem em suas excursões, mais a “Casa da Festa” dará de comer ao público – e todos estão convidados. Normalmente, a “Casa da Festa” alimenta aproximadamente 5 mil pessoas, a maioria vinda de outras cidades.

Saranga – são cânticos entoados pelos irmãos de fé durante a peregrinação e no dia do Encontro das Bandeiras.

Na romaria, os participantes vão a caráter: usam uniformes azuis e, na cabeça, trazem o gorro bretão, com um pompom vermelho na ponta. Os punhos, a faixa da cintura e a gola também são da mesma cor. Cantando e tocando, batem às portas de todas as casas, solicitando aos seus donos, pouso, comida, ofertas para a “Casa da Festa”. Fazem essa

peregrinação usando variadas formas de transporte – a pé, a cavalo, navegando pelo rio Tietê nos batelões tradicionais. A utilização dos barcos é uma alusão ao meio de transporte principal dos bandeirantes, uma tradição mantida até hoje. São dois

batelões que transportam 120 irmãos do Divino. No domingo da festa, vestem-se de branco e reproduzem cenas de prováveis encontros que ocorriam antigamente. É o chamado Encontro das Bandeiras que ocorre nas águas do rio Tietê na altura da ponte que liga Piracicaba a Anhembi. Além dessa, a festa tem outras características muito marcantes, que lhe dão personalidade especial:

Saranga – são cânticos entoados pelos irmãos de fé durante a peregrinação e no dia do Encontro das Bandeiras. Em uníssono, fazem um clamor em gemidos que comove toda a assistência.

Amortalhados – são aqueles devotos que se enrolam em lençóis ou bandeiras e deitam nas ruas da cidade para cumprir suas promessas. Nessa ocasião, chegam a contabilizar cerca de mil amortalhados em cada festa.

Levantamento do mastro – mantém-se o costume de se colocar o mastro em frente da Matriz, após o encontro das canoas no rio e pouco antes da missa campal. Os foliões cantam o Divino e o mastro é levantado sem o uso das mãos, o que é feito somente com remos e lenços.

Foliões – um ou dois adultos e mais três ou quatro meninos compõem a equipe de foliões, encarregada de conduzir os cânticos em várias situações do ritual religioso. As músicas são sempre as mesmas, mas não se conhece o autor. Estima-se que foram criadas por volta de 1850.



Encontro dos batelões no rio Tietê.



Meio ambiente

Maurício Waldman

Pós-Doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências UNICAMP

Pós-Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo

Pós-Doutorando em Meio Ambiente pela UNOESTE – Univ. do Oeste Paulista

(In)FORMAÇÃO: Vivemos uma situação difícil e preocupante com relação às questões que interferem negativamente na saúde do planeta. Quais são as mais sérias e urgentes? E também, qual o grau de importância?

Prof. Maurício: Há uma questão central, cada vez mais incisiva, relacionada com o esgotamento dos recursos naturais planetários. Isto é: dilemas colocados pela escassez dos insumos, carências que se agigantam dia a dia. Paralelamente, três outras questões básicas, dizendo respeito aos recursos hídricos, resíduos sólidos e matriz energética transparecem como problemáticas específicas em razão do enorme impacto que suscitam na sociedade contemporânea. Contudo, entenda-se que essas três crises estão na realidade interligadas. Mais ainda, nenhuma delas pode, efetivamente, ser dissociada das demais. Objetivamente, cada uma dessas variáveis retroalimenta

as outras e assim por diante. A bem da verdade, não poderia ser de outro modo. A água é, por exemplo, afetada pela gestão dos resíduos urbanos e pela conversão da energia que, via de regra, utiliza recurso hídrico como insumo operacional. Aliás, o que observamos hoje em dia, no País, é a mais pura substantivação do quanto o lixo e a geração da energia prontificam-se como atores impactantes para os corpos d'água, induzindo perdas em quantidade e qualidade derivadas, justamente dos vínculos mantidos com o líquido. Por sua vez, todo refugo expressa tanto uma incorporação de água na sua produção quanto de energia. No caso dos recursos hídricos, isso transparece no que é denominado de água virtual ou água embutida. Inferência que escapa da percepção da maioria das pessoas é que, praticamente, todos os bens que nos rodeiam configuram um *input* hídrico. Quanto à energia, atente-se que todos os refugos, ao resultarem de bens que para serem produzidos solicitaram energia, sintetizam certo conteúdo energético. Por fim, temos a articulação da energia com a água e o lixo. Observe-se que a energia é imprescindível para colocar em movimento estações de tratamento de esgoto e viabilizar a adução da água potável pelas redes de distribuição. A respeito do lixo, os vínculos se explicitam nos esquemas de aproveitamento

energético, de queima dos resíduos pelos incineradores. Retornando ao início da argumentação, estes três epifenômenos da crise ambiental da Modernidade – água, lixo e energia – estão transformando-se em estacas de um colapso sistêmico, devido aos limites que a finitude dos recursos está impondo ao sistema de produção de mercadorias, que se apresenta fortemente atada aos modelos de vida e de consumo. Vale a pena recordar o documento *Limites do Crescimento*, relatório icônico publicado pelo Clube de Roma nos anos 1960. *Limites do Crescimento* foi o primeiro texto a vaticinar a respeito da impossibilidade de a economia manter taxas de expansão ilimitada. Faz cinquenta anos que o alerta sobre a necessidade de se repensar a produção e o consumo foi dado – ponderação que se afirma no plano concreto, cotidianamente. Entendo que esse prognóstico articula-se com um presságio proferido no início do Século XX, pelo filósofo francês Paul Valéry. Considerado um visionário, o pensador antecipou a imposição de um poder humano irrefreável na escala planetária. Sintetizou o sábio: “*Não mais existem vazios sobre o mapa. Começa a era do mundo finito*”. É esse o ponto nodal a ser discutido: um mundo de escassez, desprovido de fronteiras para o crescimento infinito.

(In)FORMAÇÃO: Quais ações de responsabilidade governamental necessitam ser realizadas?

Prof. Maurício: Antes de tudo, a própria natureza do Estado contemporâneo posiciona-se na condição de objeto prioritário de análise. Seria o caso de pautar as intercorrências postadas pelo ambiente político, em cujo seio o Estado moderno interage com uma moldura, na qual não deixaram de estar ausentes nem a dominação social e, tampouco, a exploração. Essa arena política coloca em cheque a noção de sociedade como uma modalidade de circuito regulador autoestabilizado. Dito de outro modo, o meio social – tal como recorda o cientista político alemão Joachim Hirsch – reflexiona com um aparato estatal, em que a heterogeneidade de seus mecanismos nada mais traduz do que uma teia de relações contraditórias, friccionando-se entre si e com o edifício social como um todo. Para o meio ambiente, o nexos contraditório da ação estatal evidencia-se numa situação paradoxal. Note-se que parte da engrenagem da máquina estatal refere-se a canais institucionais de defesa ambiental. Porém, outra parte atua como um agente direto de devastação do meio ambiente. Esse quadro problematiza, em profundidade, quaisquer proposições quanto à proficiência do Estado, em termos de um





enfrentamento claro dos problemas ambientais. Podemos inferir a respeito do que vem acontecendo em termos de problemas ambientais no País, que não há como negar esse papel duplamente contraditório do aparato de Estado.

(In)FORMAÇÃO: Como fica a sociedade neste panorama?

Prof. Maurício: Penso que contrariamente a uma baixa autoestima que se omite de observar as potencialidades das iniciativas da sociedade, é justamente a começar por ela que identificamos ações altamente positivas na direção dos equilíbrios ambientais. Atentemos para a recuperação dos materiais presentes no lixo urbano. Faz décadas que um numeroso contingente da população tem arregaçado as mangas e impedido que a questão dos resíduos se desdobre em uma calamidade. Hoje em dia, são os catadores de recicláveis os principais atores que trabalham para abastecer o segmento industrial, com valiosas sucatas retiradas das ruas pelo trabalho informal. Autênticos heróis do meio ambiente, os trabalhadores da catação captam mais de 97% dos materiais que nutrem a indústria da reciclagem. Todavia, o Estado tende a responder aquém das manifestações de cidadania ambiental. Para citar novamente a questão do lixo, apenas 2,5% dos

municípios mantém parceria com os catadores. Porém, o enorme potencial de atenuar os impactos ambientais não tem sido levado em consideração.

(In)FORMAÇÃO: No meio corporativo, como isso ocorre?

Prof. Maurício: O meio empresarial é diversificado na plena acepção da palavra. Isso posto, não necessariamente **comunga** procedimentos comuns. Cumpre sublinhar que não se trata, apenas, de falta de consenso. Em muitos momentos, o empresariado fica dividido quanto ao tipo de atitude a ser assumida, diante de questões ambientais estratégicas.

Para citar um caso emblemático, investigado ao longo de meu primeiro Pós-Doutorado, realizado em 2010, no Instituto de Geociências da UNICAMP, existe uma clara divergência dos agentes econômicos quanto ao destino a ser dado para o lixo, ou seja, na disputa daquilo que sobra. Pontuando melhor: para as recicladoras, os resíduos urbanos constituem matéria-prima. Contudo, para o segmento fabril “tradicional”, a reciclagem funciona apenas como uma possibilidade de minimizar custos de produção. Quanto aos que estão devotados em recuperar energia do lixo, esses entendem os rejeitos como combustível e não como algo

reaproveitável. Para os que gerenciam aterros e coletam os rebotalhos, o que interessa é a quantidade de restos a ser tirada da calçada, e não sua recuperação. Por sua vez, aspectos econômicos envolvidos na atividade não são vistos na mesma perspectiva pelos catadores “avulsos” ou pelas cooperativas. Para completar, na esfera político-administrativa os gestores públicos podem discordar dos objetivos dos catadores, das propostas das empresas que atuam com o lixo ou então, proceder como de fato procedem, ignorando solenemente a reciclagem como política pública efetiva. Devemos também rubricar que essas contradições se reproduzem em outros aspectos setoriais, como no tocante à apropriação dos recursos hídricos e no consumo energético. Arrematando, além dos desacordos internos, os empresários estão permanentemente inseguros na sua relação com as autoridades, seja lá em que nível for: municipal, estadual e nacional. Em meio a uma burocracia tida como das mais inoperantes do mundo, fica difícil exigir respostas fáceis por parte do empresariado.

(In)FORMAÇÃO: Os antagonismos da classe empresarial com o Estado são, portanto, de nível político?

Prof. Maurício: Sim e não. É claro que o fator político pesa e muito.

Entretanto estou me detendo nos aspectos administrativos da gestão exercida pelos agentes estatais. Nesse particular observamos situações verdadeiramente surrealistas. Atente-se para uma problemática praticamente ignorada pela opinião pública, que diz respeito à indústria têxtil. Por incrível que pareça, o Brasil está importando plástico PET do Paraguai para abastecer a linha de produção de camisetas, cuja matéria-prima é a fibra recuperada da sucata plástica. O País também adquire no mercado internacional restos de tecido para fazer estopa. Isso porque a captação institucional no território nacional é insuficiente para atender à demanda das recicladoras. Os gestores estatais do lixo dão-se ao luxo de desprezar em torno de 50% do plástico PET, que fica ao léu nas sarjetas, entupindo bueiros e contribuindo para as enchentes. Quanto aos retalhos de têxteis, o desperdício é maior ainda: 90% são descartados nas lixeiras. Dito de outro modo: o sistema fabril é induzido a dar solução ao lixo dos outros, dos estrangeiros. Absurdamente, o Brasil importou mais de 223 mil toneladas de resíduos, no biênio 2008-2009, quando se sabe que no País o lixo literalmente transborda por todos os lados. É impossível deixar de ficar indignado com o que acontece.

DO PONTO DE VISTA DO PLANETA, NÃO EXISTE JOGAR LIXO FORA: PORQUE NÃO EXISTE "FORA" !



R EDUZA \$EU LIXO !
EDUZA \$UAS COMPRAS !
EDUZA \$EU CONSUMO !



(In)FORMAÇÃO: Nesse sentido, a importação de lixo evidencia problemas de gestão?

Prof. Maurício: Sem dúvida alguma. Estamos resolvendo os problemas de gestão dos resíduos alheios e permitindo que nossos rios regurgitem garrafas plásticas e os aterros fiquem entupidos com retalhos das confecções. Esses são claros exemplos das falhas estruturais nos esquemas de interceptação das sobras. O pior nessa situação é que a importação de lixo termina revestindo-se de legitimidade. É o que permite entender a chegada aos portos brasileiros de contêineres vindos do exterior, trazendo toda sorte de refulos contaminados, que geralmente apelam para a titularidade de materiais recicláveis, nos registros oficiais e guias de importação.

(In)FORMAÇÃO: De qualquer modo a mídia enfoca, constantemente, medidas do meio empresarial relacionadas com a conservação dos recursos naturais. O que existe, então, de autêntico nisso tudo?

Prof. Maurício: Na realidade – a despeito de uma série de obstáculos logísticos e institucionais – existem muitas experiências interessantes. Um dado novo neste debate é o avanço da conscientização ecológica.

Paulatinamente – seja sincera ou não a adoção de políticas preservacionistas por parte das empresas – o setor produtivo tem incorporado “o verde” em sua cadeia produtiva, acatando tanto pressões utilitárias e da sociedade quanto do mercado internacional. Ademais, conexões entre sustentabilidade e empreendedorismo social ensejaram a criação de inúmeros programas de sustentabilidade. Nesse quesito, caberia menção obrigatória ao Compromisso Empresarial para a Reciclagem (CEMPRE). Fundado na cidade de São Paulo por 14 empresas privadas, em Março de 1992, o CEMPRE constituiu-se, desde sua entrada em cena, no principal fórum multissetorial do gênero no País. A entidade, centrada em promover o conceito de Gerenciamento Integrado do Resíduo Sólido Municipal, incentivar a reciclagem pós-consumo e difundir a educação ambiental, mantém parcerias com entidades de catadores. Ademais, dotados de potencial multiplicador de boas práticas ambientais, programas de sustentabilidade como o ECOS, desenvolvido conjuntamente pelo Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), sinalizam para práticas sustentáveis, intersetoriais e

colaborativas nas rotinas de trabalho. Não seria demasiado lembrar que no Brasil, o mercado para produtos com apelo ecológico está em franco crescimento, inferência que encontraria ressonância, por exemplo, no estrondoso sucesso de programas ambientais instituídos por bancos. Muitas casas bancárias expandiram sua carteira de clientes na casa dos milhões, justamente por apoiarem medidas de cunho ambiental. Nessa senda, não podemos esquecer o papel do *marketing*. As empresas, é claro, agregam simpatia às suas marcas e imagem pública, ao se mostrarem adeptas da defesa do meio ambiente.

(In)FORMAÇÃO: Não existiria certa dose de manipulação nesses procedimentos?

Prof. Maurício: Claro está que o termo *greenwashing* conquistou popularidade entre os aficionados da ecologia, por exatamente identificar táticas manipulatórias. Traduzido do inglês como “maquiagem verde”, refere-se sinteticamente a toda instrumentalização de imagem pública favorável ao meio ambiente. Nada mais consistindo do que um mascaramento, o *greenwashing* demarca, na realidade, uma atuação contrária aos bens ambientais. Essa prática pode ser encontrada em produtos autodefinidos como inseticidas

livres de substâncias químicas (como se isso fosse possível), sem CFC (proibidos há pelo menos 30 anos) ou em embalagens que adotam a cor verde, procurando convencer o comprador de que se trata de uma mercadoria ecológica. Práticas que denunciam má fé explícita. Todavia, cabe ao mesmo tempo lembrar que o *greenwashing* não constitui monopólio das empresas. Tampouco que exista, por definição, má intenção por trás das medidas adotadas pelo empresariado. Lembre-se que bem mais do que o meio corporativo, são os gestores estatais os que mais abusam desse tipo de estratégia. Basta acompanhar como o temário é trabalhado pela propaganda oficial dos órgãos estatais. Qualquer um que assista ao cipoal de “propaganda verde” no Brasil – aliás, paga pelo contribuinte pela arrecadação de impostos de todo tipo e natureza – seria capaz de jurar que o País está instalado em um verdadeiro paraíso ambiental.

(In)FORMAÇÃO: Como fica o desenvolvimento sustentável nesse contexto?

Prof. Maurício: Um parecer que não permite calar é que após vinte anos do encontro Rio 92 e da divulgação massiva do conceito de Desenvolvimento Sustentável, os avanços foram pequenos. Certificando-se melhor, observaram-se



retrocessos em muitos setores. Conforme divulgado no relatório *Panorama Ambiental Global de 2011 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA)* – apenas quatro das 90 metas ambientais mais importantes acertadas nos últimos 40 anos observaram avanço significativo. Outros 40 objetivos avançaram minimamente. Para completar, 24 não apresentaram praticamente nenhum progresso. Com base nesse pano de fundo, é evidente que o Desenvolvimento Sustentável tem obtido progressão sofrível. Basta recordar o pronunciamento à imprensa do ano de 2012, oferecido por ninguém menos que Gro Brundtland, referência mundial por sua participação na confecção do relatório *Nosso Futuro Comum (Our Common Future)*, documento matricial da cúpula do Rio 92. Considerada “mãe” do conceito de Desenvolvimento Sustentável, Brundtland advertiu que a Sustentabilidade ainda aguarda materialização para tornar-se prática real. Mais ainda, admoestou que o termo é utilizado de forma abusiva, sem a menor conexão com as intenções que deram origem à Rio 92. Para ela, o Desenvolvimento Sustentável não acontece na maior parte dos casos. Sinal de que devemos aprofundar esse debate, tornando concreto um conceito que não pode ser ignorado.

(In)FORMAÇÃO: A água é um assunto prioritário, pois afeta diretamente a vida de pessoas, animais e plantas. Enfim, todo o planeta. Em que isso repercute em termos de acesso ao líquido?

Prof. Maurício: A água é um recurso essencial em razão de constituir-se componente bioquímico indispensável para a totalidade dos seres vivos, incluindo-se nessa acepção, o conjunto da raça humana. Organismos muito simples podem sobreviver sem ar. Todavia, mesmo essas formas de vida não conseguem sobreviver sem água. Ora, essa nuança, no tocante à pessoa humana, reveste o acesso ao líquido da condição de direito inalienável. Não é à toa que movimentos cívicos globais têm reivindicado poder dispor de quantidade gratuita mínima de água potável para a população pobre, independentemente dela possuir, ou não, dinheiro para pagar pelo serviço. Exemplificando: na África do Sul, onde essa mobilização já acontece há muitos anos, o que se solicita é uma *free lifeline* – linha de garantia de vida – para uma provisão hídrica garantida pelo poder público e que, nesse País, está orçada no patamar de 50 litros de água pessoa/dia. Entrementes, o conceito de água como direito tem sido solapado das mais diversas formas e meios, configurando um panorama bem inquietante.

(In)FORMAÇÃO: O que tem colocado sob risco, o acesso à água por parte das populações?

Prof. Maurício: Desenvolvi duas pesquisas centradas nos recursos hídricos: um Doutorado sobre a Represa Billings e o abastecimento de água na Grande São Paulo (Geografia USP, 2006) e um Pós Doutorado com eixo na crise hídrica na África Austral (Relações Internacionais USP, 2013). Nos dois trabalhos, a totalidade de informações coletadas sinalizou para um movimento crescente de privatização do líquido, uma conjuntura que, conotando a água como mercadoria, é igualmente alavancada pela escassez hídrica mundial. Em resumo, vale a ponderação do geógrafo francês Claude Raffestin, que assinala ter acabado para sempre, o tempo quando o líquido era considerado um bem livre. Numa exata oposição à regalia ancestral de obter água, hoje, devido à utilização e ao consumo maximizados pela demografia e requisições da economia, praticamente todos os países se confrontam com chamado *stress hídrico*. Esse parâmetro técnico, que denuncia a insuficiência para cobrir demandas humanas básicas por água doce, tem sido reclamado para carimbar a exiguidade dos recursos hídricos em um grupo cada vez maior de países em todo o globo. Da posição de um bem que pelo seu volume colossal seria praticamente infinito, as

águas passaram a ser confrontadas com as desventuras da finitude. Daí que a água, tal como qualquer outro insumo, tornou-se motivo para disputas de poder, de conflitos e crispações internacionais.

(In)FORMAÇÃO: Concretamente, em que essas variáveis interferem internacionalmente? Que medidas estão sendo tomadas pelas autoridades? O que falta fazer?

Prof. Maurício: Vitaminada pela penúria hídrica, a água tornou-se a mais promissora *commodity* do comércio mundial, aclamada com justiça como o ouro azul do século XXI. Coerentemente, a mídia corporativa registrava, em 1995, uma cortante máxima apregoada por Ismael Serageldin, então vice-presidente do World Bank, o Banco Mundial: “*Se as guerras desse século foram lutas pela posse do petróleo, as guerras do próximo século terão a água no centro das disputas*”. Tal averbação é, em boa parte, a explicação do conflito entre Israel e a Palestina e de muitos outros, tal como o que opõe Angola à África do Sul, ainda em fase larvar. De outra parte, nos dias que seguem o acesso à água, o mais sério dilema da Humanidade é: em maior ou menor grau são 3,5 bilhões de humanos carentes do líquido. Em 25 anos, uma terça parte dos humanos estará sem água. Sem uma radical mudança de rumos, em 2050 não estarão garantidos





sequer 50 litros per capita/dia para 4,2 bilhões de pessoas. Do que foi exposto, fica evidente o caráter central de que se reveste o debate sobre os recursos hídricos. Isso especialmente quanto aos modelos econômicos e de consumo. Rarefeita pelas desventuras humanas, assegurar o acesso à água requer revisão de prioridades, gestão de excelência, padrões de ecoeficiência e de preservação das águas doces. Medidas minimamente cabíveis a um insumo que sendo vital, estratégico e essencial, impõe ao poder público enorme responsabilidade pela vida dos cidadãos.

(In)FORMAÇÃO: As ocupações nas regiões de mananciais e bordos de represas têm impactado de forma significativa essa crise?

Prof. Maurício: Gostaria de, em primeiro lugar, destacar que os mananciais não constituem uma área de proteção ambiental. Na mesma linha, as represas e os reservatórios – cujo entorno são as áreas de manancial – referem-se a obras humanas, antropogênicas e artificiais. Certo é que existem movimentos ambientalistas dedicados a preservar as represas. Mas isso, antes de tudo, nada mais confirma do que o caráter mutante do significado histórico de natureza, responsável por transferir rugosidades eminentemente artificiais como barragens, açudes e represas rumo

a uma reserva imaginária do natural. Uma segunda declinação pontuaria que todas as legislações a respeito dos mananciais, até por coerência com o postulado anterior, não materializam normatizações de índole “ecológica”. O ponto nodal da discussão não é, portanto, se os mananciais deveriam ou não ser ocupados, mas antes, como essa ocupação deveria ter se processado. O que infelizmente deve ser ressaltado é que os mananciais foram ocupados da pior forma possível, em muitos casos com a conivência das autoridades, fechando os olhos para atuação dos loteadores clandestinos. Por sinal, historicamente o poder público tem sido aluno aplicado das práticas de destruição premeditada dos recursos hídricos, adotando como matriz conceitual o modelo do “torvelinho hídrico”. Nessa modalidade de “gestão” as fontes d’água locais são brutalizadas, destruídas e devoradas pela especulação imobiliária. Daí que regiões mais distantes são convocadas para matar a sede da metrópole. Nitidamente, a região metropolitana paulista reproduz um modelo de ressecamento das águas. A metrópole, ao se estender, distende suas fontes de provimento hídrico, eliminando os recursos hídricos mais próximos, repassando para regiões mais recuadas o ônus do fornecimento do líquido. Assim sendo, o resgate de mananciais como Billings, Cotia e Guarapiranga

constituem, pois juntamente com outras políticas efetivas de defesa das águas doces, peça fundamental para que a metrópole paulista abandone o papel de epicentro da crise hídrica, oxigenando regiões doadoras como as da Bacia do Piracicaba, Capivari e Jundiá. Sem a alteração desse mecanismo, nada de fato irá mudar a gestão das águas doces metropolitanas.

(In)FORMAÇÃO: É possível recuperarmos a água das represas e rios que estão secando? De que forma? Quanto tempo levaria para tê-los de volta e com o volume de água ideal?

Prof. Maurício: Claro que sim. Estão aí para comprovar as mais diversas experiências de reflorestamento levadas adiante em países como Quênia, Israel e Etiópia. O reflorestamento e a preservação das matas ciliares contribuem para manter reservas de umidade, fundamentais para que os rios garantam o essencial de seu débito fluvial, mesmo em situações de extremos climáticos como os que estamos atualmente presenciando. Seria meritório comentar que a cidade mineira de Extrema, cujos rios abastecem o Sistema Cantareira, desenvolveu projeto de replantio internacionalmente reconhecido. O projeto “*Conservador das Águas*”, lançado em 2007, foi extremamente bem-sucedido.

Remunerando o agricultor para reflorestar e salvaguardar o entorno das nascentes e cursos d’água, o projeto contribuiu para manter a vazão do Rio Jaguari, que alimenta o sistema Cantareira. Assim, a iniciativa desse pequeno município mineiro terminou beneficiando a metrópole paulista, que é abastecida por ele. Um exemplo a ser repetido em todo o País.

(In)FORMAÇÃO: Cite algumas ações que a sociedade civil pode e deve fazer diariamente para preservar os recursos hídricos e a boa qualidade da água que chega às nossas torneiras.

Prof. Maurício: É sempre possível evocar o célebre ditado: “*Sabendo usar não vai faltar*”, que serve como regra geral. Entretanto gostaria de fornecer exemplificação mais criativa. Segue uma ponderação para fazer pensar. Toda propaganda voltada para conscientizar a respeito da economia de água apela para algumas imagens entronizadas: mãos fechando torneiras, advertência para ficar pouco tempo no chuveiro etc. O que as pessoas não pensam é na quantidade de água que é jogada fora junto com os alimentos descartados. Logo no começo da entrevista, foi frisada a interconexão entre recursos hídricos e resíduos sólidos, pois não existe produção que não pressuponha uma água virtual ou embutida. No caso da produção de carne



bovina, com base em pecuária extensiva de baixo conteúdo técnico, sabe-se que são necessários 100.000 litros de água para produzir um quilo do produto. Ora, outra forma de pensar esse montante gigantesco de água virtual e repensar formas de economia de recursos hídricos, seria recordar que 100.000 litros de água é suficiente para uma pessoa tomar banho de ducha, durante quatro anos e oito meses. Por conseguinte, poupa-se mais água deixando de descartar, aleatoriamente, meio quilo de carne do que se isentando de tomar banho durante um ano inteiro. Imagine-se, então, o quanto de água que pode ser poupado, com uma educação alimentar mais equilibrada e em conformidade com a cidadania ambiental!

(In)FORMAÇÃO: Existem experiências bem-sucedidas de sociedades que enfrentaram problemas com a escassez de água e que hoje vivem uma situação mais tranquila?

Prof. Maurício: É interessante observar que certas partes do mundo, como Califórnia, Espanha e Israel, embora assolados pela aridez, nem de longe estão ensombrados pela ameaça da sede. Isso a despeito de serem territórios cujo índice pluviométrico chegue a ser muitíssimo inferior ao Nordeste brasileiro. Nesse sentido, o geógrafo pernambucano Manuel Correia de

Andrade, relativamente à escassez de água em Israel, faz observações que para o senso comum seriam surpreendentes. Salientava o pesquisador, para dar uma ideia do déficit de umidade israelense, que no sertão brasileiro, em Cabaceiras, na Paraíba, o município mais seco do País, chove 259 mm por ano. Pois bem, essa quantidade é dez vezes a quantidade de chuvas que cai na maior parte de Israel. Em síntese: não adianta ter muita água e não saber gerenciá-la. O Brasil – “país de muitas águas”, na definição da Carta de Pero Vaz de Caminha – detém 12% da água superficial do Planeta. Mas, o montante assombroso de água do Brasil pode constituir uma ilusão. É insuficiente ser agraciado com ótima disponibilidade física do líquido. Para garantir que a sede não atormente os brasileiros, é necessário muito mais: uma administração pública que funcione, programas concretos de educação ambiental e ampliação do senso de cidadania. Caso isso não aconteça, vencerão as expectativas pessimistas. Em 2011, a Agência Nacional de Águas (ANA) alertou que na iminência de não se realizarem investimentos em sistemas de captação e coleta de água, 55% dos municípios brasileiros poderão sofrer com falta d’água em 2015. É o fantasma das torneiras secas ou apagão da água. Então temos de enfrentar a desafiante lição de casa: transformar o que vem a ser uma excelente oferta natural de água, em uma

abundante provisão a serviço do bem-estar de nosso povo.

(In)FORMAÇÃO: Deixe uma mensagem, uma recomendação aos educadores do Programa Escola da Família sobre o assunto.

Prof. Maurício: A luta pelo equilíbrio ambiental requer a somatória dos esforços de muitas pessoas, de muitos acervos culturais, histórias e vivências. Muitas são as dificuldades, mas nada disso interfere nas boas possibilidades de sucesso. Lembremos as palavras do filósofo francês Edgar Morin, que em *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, comentou: “*Na história, temos visto com frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossíveis de se realizar. Mas vimos também que o inesperado torna-se possível e se realiza; vimos com frequência que o impossível se realiza mais que o possível; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar para o improvável*”.

É isso. Boas Notícias? Lutemos por elas!

Sobre Maurício Waldman:

Curriculum Acadêmico CNPq-Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Pos Doc UNOESTE:

http://www.mw.pro.br/mw/eco_PDResumoportal_2014.pdf

Portal Acadêmico do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Blog do Waldman/Waldman's Blog:
<http://mauriciowaldman.blogspot.com.br/>

Biografia/Biography (BrE):
http://en.wikipedia.org/wiki/Maurício_Waldman

Contatos:

E-mail: mw@mw.pro.br

Skipe: mauricio.waldman.mw

Caixa Postal/Po Box: 45375; Cep: 04010-970; São Paulo/ Brasil



Prof. Maurício Waldman



Um dia na escola do meu filho

Histórias e lendas que nos encantam DE Votorantim

Mais uma edição do *Um Dia na Escola do meu Filho* foi realizada nas Diretorias de Ensino do Estado e movimentou educadores, voluntários, parceiros e pessoas das comunidades. Dessa vez, o tema que orientou o planejamento de atividades foi: *Histórias e lendas que nos encantam* e, para ilustrar o clima vivido nesse final de semana (23/08), esta notícia trará um pouco do que aconteceu na EE Prof^a Dimpina Rocha Lopes – DE Votorantim.

Ali, as atividades foram iniciadas com a peça teatral *Diomira e o Coronel Carrerão – A Sherazade do Sertão*, de Ivana Arruda Leite, que foi encenada por voluntários do Programa Escola da Família.

Na sequência, houve uma sessão de contação de histórias típicas da região, por alguns pais de alunos, o que possibilitou mais integração entre escola e comunidade, além do que, valorizou o patrimônio imaterial de causos e lendas, arquivados na memória das pessoas que

vivem ali, e que fazem parte da tradição oral.

Uma apresentação musical feita por alunos e pais, em parceria com o *Grêmio Estudantil*, também abrilhantou o dia. Nesse clima de narrativas e de notas musicais, a vice-diretora do PEF falou sobre o tema norteador: *Histórias e lendas que nos encantam*, a importância da leitura na formação e na vida das pessoas, bem como a herança das tradições culturais que são preservadas quando passadas de geração a geração.

Depois os pais e responsáveis foram às salas de aula para acompanharem o rendimento escolar de seus filhos. Ao final, em clima de confraternização, todos participaram de um delicioso café da manhã e puderam saborear um caprichado arroz-doce, preparado por mães de alunos e voluntárias do PEF.

Divulgação

A divulgação do evento deu-se de três formas: painel informativo da escola,

Contar histórias valorizou o patrimônio imaterial de causos e lendas, arquivados na memória das pessoas que vivem ali, e que fazem parte da tradição oral.



convite aos pais e divulgação pelos docentes em sala de aula.

Parcerias

- Prefeitura Municipal de Piedade.
- Rede de mercado local (doação de ingredientes para o preparo do café da manhã).

Integração com a semana letiva

A semana letiva trabalhou o tema *Histórias e lendas que nos encantam*, apresentando literatura do gênero contos/lendas que pôde ser lida e discutida pelos alunos, seguida de produção textual.

Integração com outro projeto da Pasta

O *Um Dia na Escola do meu Filho* contou com a participação do Professor Mediador Escolar e Comunitário, no preparo e organização da programação.

Palavras de um educador

“Dias como esse são de grande valia, pois o bairro atendido pela escola é distante da cidade, e como boa parte da população é de baixa renda, momentos como os que foram proporcionados hoje levam cultura a essa comunidade, proporcionando momentos de bem-estar, lazer e entretenimento. Esse encontro é proveitoso no sentido dos pais saberem mais sobre o andamento da vida escolar de seus filhos, como também para se inteirarem de outros assuntos relativos à escola.”

Número de participações, ano a ano, no *Um Dia na Escola do meu Filho*:

Ano	Participações
2012	214.742
2013	616,041
2014	757.350
Total	1.588.133

DE de Santo André



DE de Votuporanga



DE de Itapevi



DE de Itapevi



DE de Bauru



Clube da Leitura

Projeto Premier Skills

A *FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação* – acaba de firmar parceria com a *Companhia das Letras*, em setembro, no âmbito do *Projeto Premier Skills*, para inauguração dos *Clubes de Leitura*.

O *Premier Skills* é um projeto que foi pensado e organizado em três áreas distintas, mas interligadas: Esporte Comunitário, Leitura e Inglês. Sua inserção nas escolas com PEF foi viabilizada pelas parcerias firmadas com o *Esporte Clube Corinthians* e o *British Council*.

A *Companhia das Letras* convidou para participar desse Clube (público: crianças e jovens), educadores universitários e voluntários que serão os responsáveis pelas sessões de leitura no *Premier Skills*. Esse grupo de mediadores teve em julho, uma oficina sobre leitura e, em setembro, o primeiro encontro do *Clube de Leitura*, que aconteceu na *Biblioteca de São Paulo*.

Os encontros, além de fomentarem a formação de leitores e ampliarem o repertório dos participantes, constituem-se, também, como um espaço importante de compartilhamento e trocas.

Atualmente a editora *Companhia das Letras* coordena 58 clubes em 15 cidades brasileiras. O Clube é um espaço dedicado às pessoas que gostam de literatura e às que querem despertar o gosto. Os encontros acontecem uma vez por mês e, além de fomentarem a formação de leitores e ampliarem o repertório dos participantes, constituem-se, também, como um espaço importante de compartilhamento e trocas. No *Clube de Leitura Penguin-Companhia/Premier Skills*, teremos uma biblioteca circulante à disposição dos participantes.



Fotos:

1 - Participantes do *Clube de Leitura*.

2 - Escolha de livros doados.

Teatro em Família

Se Maomé não pode ir à montanha, por que a montanha não pode ir a Maomé?

Foi partindo desta indagação, que Bento de Abreu, Auriflama, Oriente, Palmares Paulista, Pongaí, Coroados, Sabino, Guaraçaí, Urânia, entre vários outros municípios de pequeno porte, puderam ser atendidos no projeto *Teatro em Família*, do Programa *Escola da Família*.

Nos mesmos moldes do projeto *Os astros vêm até você: planetário e cinema no Escola da Família*, o *Teatro em Família* tem como objetivo, justamente, atender localidades com menos de 15 mil habitantes, de regiões afastadas dos centros urbanos e de difícil acesso a teatros, museus ou cinemas. Nessas cidades, a escola costuma ser um dos únicos espaços de convívio e lazer disponíveis e, por isso, o *Escola da Família* é tão importante.

Assim, esses projetos têm buscado atender a esse público de maneira diferenciada – levando para dentro da escola, opções de entretenimento e cultura, que costumam estar disponíveis apenas nos grandes centros.

... levando para dentro da escola, opções de entretenimento e cultura, que costumam estar disponíveis apenas nos grandes centros.

No caso do *Teatro em Família*, foi feito *Chamamento Público* para um edital de credenciamento. As companhias teatrais interessadas em se inscrever tiveram de apresentar, não apenas, a documentação solicitada pela legislação, mas também, um DVD com a filmagem integral da peça, ficha técnica, currículo dos integrantes, portfólio com matérias em jornais, críticas etc.

Uma comissão foi instituída para assistir a todas as peças enviadas e para analisar sua adequação quanto ao público, ao espaço (quadra da escola) e à linguagem (termos chulos e/ou apologia a algum tipo de preconceito e discriminação). Durante semanas, a comissão reuniu-se para debater peça por peça. Foi um trabalho árduo, mas também divertido.

Depois de aprovadas a documentação jurídica e técnica e de a peça passar pelo crivo da comissão, publicou-se a lista das credenciadas e todas as informações importantes de cada uma foram registradas em um intranete, para que as escolas pudessem acessar, escolher, agendar a de sua preferência e, depois, avaliar a apresentação.

Para garantir o entendimento e o sucesso do projeto, foi feita uma reunião com representantes de todos os grupos teatrais, com o intuito de apresentar-lhes o *Escola da Família*, contar-lhes um pouco as características de seu público, das escolas, podendo assim, criar neles uma expectativa positiva.

Da mesma forma, houve uma videoconferência com as Diretorias contempladas pelo projeto, em que não só explicamos a parte operacional e o funcionamento do *site* para agendamento, como também, destacamos o valor da atividade e o papel da escola e da DE, quanto às providências para o máximo aproveitamento da peça escolhida: divulgação, promoção e discussão das apresentações.

Essa iniciativa é inédita. Chamamento, edital, credenciamento, cardápio de peças para a escola escolher e agendamento *online* foram passos necessários para garantir o teatro no PEF. Embora tenha havido alguns percalços no processo de credenciamento, não foi nada que não pudesse ser superado.

Estamos chegando ao final da primeira edição – atendimento a 100 escolas –, com um saldo bastante positivo, tendo sido contabilizado sucesso

de público e de crítica. A maioria das apresentações, graças ao empenho das equipes locais e regionais, teve público superior a 100 pessoas. Em alguns casos, o público superou o número de 300 pessoas: alunos, pais, equipes do *Programa Escola da Família* e escolar, alunos das escolas municipais e mesmo adultos do entorno da escola, compareceram em massa para desfrutar desse momento especial.

A vice-diretora Ana Rosa Miranda, da EE José Pimenta de Pádua, de Getulina, avaliou como ótima a apresentação da peça *Escola não é Gaiola*, da Cia. *Teatro Salada Vinte*, e destacou: “*Foi bastante importante porque enfatizou a diversidade de alunos que temos na escola e transformou os personagens que eram vistos como maus para não haver mais rotulação*”. Segundo ela, houve muita participação do público presente.

Para João Carlos Estonaro, vice-diretor da EE Prof. Akio Satoru, de Urânia, a apresentação de *Vidas Secas*, feita pelo grupo *Kelly Vanessa Schoemberguer*, “*foi muito apreciada pelo público presente*” e “*atendeu a todas as expectativas do público, sendo alvo de elogios tanto da comunidade local, quanto das comunidades vizinhas*”. Nós, da Coordenação do Programa, estamos muito felizes com esses resultados e animados com a 2ª edição, que terá início

em breve. Acreditamos que o *Programa Escola da Família* pode, cada vez mais, oferecer ações diferenciadas, que atendam às expectativas e necessidades de seus públicos tão variados. Como espaço privilegiado de interface entre escola e família, deve oferecer, sempre que possível, momentos como esses – tanto de crescimento cultural como de diversão para todos.

Depoimentos:

Gostaríamos de agradecer e parabenizar a FDE pela oportunidade de presenciar este bellissimo espetáculo que nos foi proporcionado e que possamos receber outras peças teatrais, porque isso realmente é um Teatro da Família – EE CEL. FRANCISCO PRUDENTE CORRÊA – RUBIÁCEA/SP (peça assistida: Farradança).

O Projeto Teatro em Família trouxe à comunidade uma significativa atividade cultural, principalmente às crianças. Incentivou a leitura e despertou a imaginação. Desde então, os alunos sempre perguntam quando haverá teatro novamente – E.E. PROFESSOR LOURENÇO LUCIANO CARNEIRO – MARACÁI/SP (peça assistida: Pedro e o Lobo).



Crianças assistem à peça *Pedro e o Lobo*.



Cores, luzes e... ação

Um Dia na Escola do meu Filho

Exposição sobre vida e obra de Victor Brecheret: “700 OLHARES”

“A arte não é um espelho do mundo, é sim uma ferramenta para consertá-lo” – Vladimir Maiakovski.

Victor Brecheret foi um escultor ítalo-brasileiro (1894 -1955), considerado um dos mais importantes do País e responsável pela introdução do Modernismo na escultura brasileira.

Muitas de suas obras estão espalhadas em locais públicos e museus do mundo; a exemplo, temos aqui na cidade de São Paulo: *Monumento às Bandeiras* (Parque Ibirapuera), *Depois do Banho* (Largo do Arouche), *Diana Caçadora* (Teatro Municipal de São Paulo), *Anjo* (Cemitério da Consolação) etc.

Atualmente, uma exposição sobre vida e obras do artista, organizada por

sua filha Sandra Brecheret Pellegrini, tem percorrido escolas da rede estadual de ensino, consideradas de difícil acessibilidade a bens culturais.

A exposição itinerante já atingiu um público de 20 mil pessoas, soma que

ultrapassou a meta inicial que era de 1.000. Ela permanece aberta à visitação de sexta a segunda-feira, sendo que aos sábados e domingos, participantes do *Programa Escola da Família* também podem visitá-la. Sob monitoria da Prof^a Tokie, do Projeto *Ações Preventivas na*

Escola (APE), alunos, professores, funcionários e pessoas das comunidades têm recebido informações importantes que as fazem entender melhor a vida e as obras de Brecheret, bem como o movimento Modernista e o período histórico em que ele viveu.

Além de escolas, algumas Diretorias de Ensino também fazem

... pessoas das comunidades têm recebido informações importantes que as fazem entender melhor a vida e as obras de Brecheret, bem como o movimento Modernista e o período histórico em que ele viveu.

parte desse circuito e sediam a exposição: Itu, Sertãozinho e Itaquaquecetuba.

A escola formal por dentro da vida e obras brecheretianas

Por onde a exposição tem passado, professores das diversas disciplinas têm trabalhado o assunto com seus colegas e alunos. Esse diálogo tem proporcionado uma qualidade interativa nas reflexões, discussões e fazeres – capazes de legitimar a escola como espaço propício de informação e aprendizagem. Nesse contexto multidirecional, em que os saberes se conversam e se completam mutuamente, todos saem ganhando.

Para ilustrar o fato, a exposição que esteve na **EE Jardim da Luz – DE Taboão da Serra/Embu das Artes**, no *Um Dia na Escola da meu Filho*, contou com o trabalho articulado dos professores Ricardo Silva Santana e Hemerson Paula da Silva (Matemática). Eles discutiram as obras de Brecheret, sob a ótica dos conceitos matemáticos e geométricos (volume, massa, medidas, simetria, assimetria etc.). A professora, Lourdes de Souza (Artes) e Viviane Batista Xavier (Português) trabalharam a biografia do artista, o contexto histórico-

cultural em que viveu, o movimento Modernista e o estilo brecheretiano cunhado em suas esculturas. Rosivaldo Correia da Paixão (Química) também levou à sala de aula, um bate-papo sobre as propriedades de certos materiais utilizados na criação de objetos artísticos.

O moderno e o contemporâneo em um mesmo espaço: Brecheret e Eduardo Kobra

A mesma sala que exibiu as releituras de Brecheret também exibiu as de Eduardo Kobra. Kobra é considerado um expoente da neovanguarda paulista e seus trabalhos surgiram na década de 1980, tendo recebido influências diretas do pixo e do grafite. Com os desdobramentos que a arte urbana ganhou em São Paulo, Kobra derivou para o muralismo, tendo sido especialmente influenciado por pintores mexicanos e pelo *designer* norte-americano, Eric Grohe.

As releituras de suas obras foram realizadas por alunos de Nilda Garcia (professora de Artes), que lhes deu informações e orientações para motivar a produção dos objetos.

As telas coloridas e os desenhos dividiram um mesmo espaço, contrastando as diferentes propostas e estilos de Kobra e Brecheret. Se por um lado tínhamos a monotonia do cinza e do branco da argila, do outro, deparávamo-nos com a profusão de cores vibrantes, cheias de calor e vida.

Porque brincar é preciso

Enquanto pais, alunos e outras pessoas da região prestigiavam a exposição, do lado de fora, crianças brincavam em brinquedos desenhados no chão, pelo vice-diretor do PEF, Danilo Pedro de Lima. Ele inventou uma corrida de carrinhos muito disputada entre a criançada. Um enorme dado, ao ser jogado para cima, indica quantas casas cada carrinho avançará. Aquele que chegar primeiro ganhará o jogo.

Com vocês: a diretora

Miriam Borges de Carvalho, diretora da unidade escolar, contou-nos que em 2007, quando a escola deixou de contar com o *Programa Escola da Família*, a depredação tomou conta do prédio e instaurou uma situação de caos. Hoje, feliz por poder reaver o PEF na escola,

ela conta que o Programa operou mudanças importantíssimas para toda a comunidade: as instalações deixaram de ser invadidas e vandalizadas para serem, novamente, espaços de encontro de gerações, de aprendizagem e de lazer. Além dos educadores universitários, ela também conta a colaboração de alunos empreendedores, como a jovem e estudante de Ensino Médio, Bruna Soares dos Santos, que reforça o time de educadores que atua aos finais de semana.

O PEF, nessa escola, é um programa reconhecido pela população local, pois oferece oportunidades de cultura, de lazer e de cidadania. Seu público é cativo e não para de crescer a cada final de semana.

Para conhecer um pouco mais sobre Victor Brecheret, Eduardo Kobra e suas obras, acesse:

<http://www.victor.brecheret.nom.br/>

<http://www.victor.brecheret.nom.br/obras1.htm>

<http://eduardokobra.zip.net/>

<https://www.youtube.com/watch?v=tP1bfOzIBMM>

<https://www.youtube.com/watch?v=cLbsGVsTgXI>



Entrada da exposição.



Monumento às Bandeiras.



A comunidade conhece Brecheret.



Sarau – década de 1930.



Desenho no pátio precede a exposição.



Releituras: obras de Eduardo Kobra.



Auto retrato – década de 1940.



Horta Comunitária

A EE Euclides Igesca – DE Suzano tem desenvolvido, juntamente com alunos e a comunidade, o *Projeto Horta Comunitária*. Inicialmente é ensinada a técnica que produz adubo orgânico, com cascas de frutas, de legumes, de ovos; pó de café, enfim, com sobras da cozinha que iriam direto para o lixo.

O preparo da terra com esse adubo é o segundo passo para a semeadura e plantio de mudas. Esse trabalho é realizado sempre aos domingos, das 9h30 às 11h30 e a educadora universitária Laudeni é a responsável pelo projeto.

A iniciativa surgiu porque educadores do PEF perceberam a necessidade de terem um projeto em que as crianças entrassem em contato com a terra e conhecessem a importância de se ter à mesa, alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos. Além desse aspecto, o projeto prova que é possível cultivar com facilidade o que se come, e que alimentos orgânicos não são encontrados apenas em grandes mercados.

A *Horta Comunitária* traz de volta para as novas gerações, a época em que os quintais também eram espaços de plantio, cultivo e colheita. O lugar onde

as crianças brincavam; os adultos conversavam, trabalhavam, cuidavam de suas plantas e eram mais senhores do tempo.

(Com base nos depoimentos da PCNP Valdinea Cilene Vicentini e do vice-diretor/PEF: Norberto Paulino dos Santos.)

Fotos:

Canteiro com pés de alface.

Pé de manjeriço.

Velhas e novas tradições: a experiência do PEF no território guarani

Há mais ou menos um ano, a Coordenação Geral do PEF abriu o Programa em uma escola indígena da etnia guarani, na capital. Localizada na região norte da cidade, sob os cuidados da DE Norte 1, a Escola Estadual Djakupê Amba Arandy preserva a primeira construção escolar indígena do Estado.

Lá, a educação básica atende hoje, durante a semana letiva, mais de cento e cinquenta crianças, conduzidas pelo ensino bilíngue e por educadores da etnia. Abrir o *Programa Escola da Família*, em um ambiente cujo entendimento educacional e físico é regido pela lógica comunitária, é para todos os envolvidos nesta gestão, um desafio enorme, porque nada do que se aprende neste espaço segue paradigmas instituídos.

Aos poucos, a equipe da Coordenação Geral foi aproximando-se dessa comunidade, a fim de entender suas demandas prioritárias e traçar objetivos possíveis para ampará-la.

Todo esse processo incluiu a presença de muitos parceiros que também atendem esse público. No que compete à erradicação da precariedade na região, o comprometimento coletivo, já

constituído, pode ser entendido como uma bandeira, pois, seus participantes encabeçam, discutem e fortalecem ações pontuais e necessárias.

Entender o processo histórico de precariedade, em que comunidades indígenas urbanas encontram-se, é uma tarefa sempre multideterminada e regida por ideologias mais amplas. Desde o período do *Brasil Colônia*, a luta pelo reconhecimento da terra, da língua e das diferenças tem sido tema fundamental de diferentes etnias. Os movimentos indígenas que se fortaleceram, nos últimos anos, pautam a valorização da própria cultura, os ideais de autodeterminação e o diálogo intercultural, com base na ética e no respeito à diversidade. Os gestores públicos têm como desafio permanente entender esse processo e proporcionar ações de qualidade, visando ao respeito pelas diferenças.

A pedido do corpo docente, que é guarani, e de representantes da Aldeia Tekoa Ytu (Aldeia de Cima) e Tekoa Pyau (Aldeia de Baixo), iniciou-se, no segundo semestre de 2013, o Projeto de Saúde Ambiental. Com a perspectiva de aumentar ações mobilizadoras, atreladas ao resgate da cultura guarani, foram priorizados temas como: lixo, reflorestamento, alimentação e horta tradicional.

O começo das ações – reconhecimento do solo, das espécies de plantio já existentes no terreno, das espécies usadas na cultura guarani; escolha de bons locais para horta – foram os primeiros passos. Descobriu-se que a erva-mate, cabaça, fumo preto, juçara, urucum e jenipapo já cresciam no território e estavam disponíveis. Uma caminhada pela comunidade, juntamente com o cacique, tornou a Coordenação Geral mais próxima daquele espaço.

Um encontro, sob a mesma metodologia, possibilitou a identificação de mais plantas, bem como seu uso medicinal tão tradicional: *urtiga branca* e *cinamomo* (planta e árvore adstringentes, boas para redução de fluxo menstrual e cólicas), *capeba* (chá ótimo para curar gripe), *taioba* (verdura altamente nutritiva), mandioca-brava (usada no combate a formigas), *miolo de bananeira* (para tingimento e nutrição dos cabelos), *mamona* (excelente adubo para terra fraca e eficiente para matar ácaros e pulgões) e *guaçatonga* (ingerida como cafezinho do mato; cura gastrite e picada de inseto).

A criação da horta na escola, sob os cuidados dos educadores guaranis e da DE Norte 1, foi uma outra ação bem-sucedida, nela a vegetação vem sendo cultivada para o subsídio sustentável de toda a comunidade. Isso é motivo de

orgulho e representa mais um aspecto do Programa e das políticas educacionais. Trata-se somente do início de uma longa trajetória que a Coordenação Geral tem tido a oportunidade de acompanhar de perto.

Os PCNPs Juvelino Carabante e Ângela Cardoso, juntamente com todos os Educadores Guaranis, são os protagonistas dessa experiência que, merecidamente, deve ser debatida, registrada e monitorada, para que todos possam continuar aprendendo e percebendo que a Educação possui múltiplas faces e importâncias.

A educação escolar indígena cresce a cada ano e para os gestores da área, o diálogo intercultural passa a ser premissa para essa “nova-velha” Educação, que vem sendo institucionalizada. Escuta atenta é uma das qualidades necessárias para ser gestor e, quanto ao *Programa Escola da Família*, uma de suas prioridades é a política de inclusão, tema que tem merecido atenção, análise e propostas. O PEF respeita a realidade de suas escolas e respectivas comunidades, sabendo, de antemão, que suas características e potencialidades são diferentes, e que necessitam de planejamentos específicos, como é o caso das unidades escolares indígenas.

Feliz, por estar participando dessa experiência, a Coordenação Geral convida todas as Diretorias que têm escolas indígenas, a sentirem o gosto por essa incrível empreitada educativa.

PCNP Juvelino Carabante, com crianças da aldeia Tekoa Ytu/Bairro do Jaguaré-SP,



cuidando da horta guarani (jul. 2014).



Horta da aldeia do Jaguaré (out. 2014).



Horta da aldeia do Jaguaré(out.2014).

“Dia do bem fazer”

Lar Fraternal São Vicente de Paulo – Apiaí

Janaína Prestes de Lima

Pelo sexto ano consecutivo, o Instituto Camargo Corrêa e o Grupo Camargo Corrêa reúnem, em um domingo do mês de agosto, milhares de pessoas em dezenas de cidades, no Brasil e em outros países, em um grande evento de voluntariado – “*O dia do bem fazer*”. Neste ano as atividades foram realizadas no dia 24 de agosto, em cerca de 70 municípios brasileiros e em localidades de Moçambique, Argentina, Paraguai, México, Venezuela, Colômbia e África do Sul.

Neste ano, na cidade de Apiaí, a entidade contemplada com as ações do “*Dia do bem fazer*” foi o asilo Lar Fraternal São Vicente de Paulo, que abriga 41 idosos com idades variando de 60 a 106 anos, sendo 23 homens e 18 mulheres.

Para que a casa pudesse passar pela reforma, os idosos tiveram de ser retirados do local, sendo levados à Chácara Recanto Feliz, onde passaram o dia com atividades dirigidas e organizadas.

Fomos surpreendidos quando a responsável pelo abrigo indicou a equipe do *Programa Escola da Família*, para

desenvolver, realizar e acompanhar as atividades com idosos na chácara.

Juntamente com a responsável pelo evento, organizamos todas as atividades a serem desenvolvidas com os idosos durante o dia, garantindo que todos pudessem participar, até mesmo aqueles com mobilidade reduzida e acamados.

Nesse dia foram oferecidas aos idosos diversas atividades, como: dança, corte de cabelo, manicure e pedicure, massagem, limpeza de pele, atividades educativas (pintura, caça-palavras, leitura, jogos), música ao vivo, café da manhã, almoço e lanche da tarde, incluindo um bolo para comemoração dos aniversariantes do mês.

Os vice-diretores, monitores educacionais, universitários e alunos empreendedores contribuíram para que todas as atividades ocorressem de forma organizada, e que o atendimento a todos os idosos presentes fosse feito de maneira que tornasse o dia ainda mais agradável – física e emocionalmente.

Nesse dia tivemos contato com o presidente do Rotary Club – Apiaí, que vendo a desenvoltura dos alunos empreendedores e a forma como se comportaram em relação ao atendimento com os idosos, ofereceu um curso de

formação para jovens empreendedores, que acontecerá no dia 18/10/2014.

Esse dia proporcionou momentos de lazer, solidariedade, entretenimento, beleza e autoestima para os idosos. Um encontro de gerações – os jovens de hoje serão os idosos de amanhã. Integração e aprendizagem entre voluntários, muito significativas para a vida.

(Janaína Prestes de Lima – vice-diretora).



Sessão de reflexologia.



Sessão de estética facial.



Cuidados com aparência.



Sessão de ginástica.

Aniversário de 11 anos do PEF

O PEF comemora, neste mês de agosto, 11 anos de existência. As escolas das 91 Diretorias Regionais de Ensino planejaram uma programação diversificada para receber, em clima de festa, as comunidades.

Foi o que aconteceu, no dia 17 de agosto, na EE Seraphina Etelvina Pagliuso – DE Tupã, município Rinópolis. Durante a semana, a escola mobilizou-se para confeccionar convites que seriam entregues às famílias dos alunos e aos vários segmentos da sociedade local. No sábado, dia 16, foi criado um painel e a escola, toda enfeitada para o aniversário.

No domingo, ela amanheceu colorida, bonita, organizada – pronta para receber seus convidados. Do lado de fora, a partir das 9h, uma fila já se formava, aguardando a festa que teria início às 11h. Muitas crianças só iriam embora às 17h30, hora do fechamento dos portões.

Pais e filhos e pessoas da comunidade participaram da festa, que contou com brincadeiras, oficina de pintura artística facial e comes e bebes.

No decorrer do dia, uma mãe expressou sua opinião sobre o Programa: “Acho incrível a escola abrir aos finais de semana, tirando assim muitas crianças das ruas e ensinando algo de bom nas oficinas”.

“Parabéns *Programa Escola da Família*, por tantos feitos, tantas histórias, tantos talentos, tantas conquistas... Tudo isso merece registro nas páginas do livro: *História da Educação Paulista*” – Eliane M. Val (vice-diretora do PEF).



Porque brincar é preciso!



Educadores em clima de festa.

Programa Agita Família

As atividades do Agita Família são desenvolvidas como ações permanentes, aos sábados e domingos, com sessões de atividades físicas acumuladas em 30 minutos diários (início e final do dia).

Tradicionalmente, como nos anos passados, nos dias 30 e 31 de agosto, nas escolas com PEF, o Programa agitou inúmeras pessoas, perfazendo este ano um total de 312.834 participações. A real intenção das ações educativas preventivas, oferecidas à população, é combater os males do sedentarismo e conscientizar quanto aos benefícios de se adotar um estilo de vida saudável.

Atividades realizadas: alongamentos, matroginástica, jogos cooperativos, resgate de brincadeiras, caminhada, passeio ciclístico, caminhadas com a família etc.

Agita Família 2014

Atividade Física: Um Gol de Placa! Um Gol de Saúde!

**Depoimento da Diretoria de Ensino:
Sertãozinho**

Nos dias 30 e 31 de agosto, o *Programa Escola da Família* realizou a ação *Agita Família 2014 – Atividade Física: Um Gol de Placa! Um Gol de Saúde!*

Além das atividades normais, realizamos jogos cooperativos, brincadeiras dinâmicas, futsal, basquete, vôlei e tênis de mesa. As propostas foram: combater o sedentarismo e oferecer melhor qualidade de vida à comunidade.

Por conta da resposta positiva do público, as ações serão permanentes e proporcionarão momentos alegres e descontraídos. O intuito é que a comunidade do Programa troque os meios eletrônicos pelo interesse e participação em atividades físicas, percebendo que tais propostas corporais estimulam o raciocínio rápido, a agilidade e o espírito de equipe.

Os universitários estão engajados nessa nova ação e esforçam-se para obter resultados positivos – o que já é percebido, quando se constata que pessoas de várias idades estão animadas para modificar seus hábitos, passando a incluir, no dia a dia, 30 minutos de atividade física.

As crianças, que também participam da ação, têm a oportunidade de contar aos pais os prazerosos momentos que passam na escola,

transmitindo assim, os benefícios de um estilo de vida mais ativo. Certamente isso poderá encorajá-los a tornarem-se adeptos da prática. Esta é a intencionalidade da ação: que o conhecimento adquirido atinja o cotidiano dos alunos e de demais pessoas.

Sem dúvida, a ação incentiva e proporciona integração de toda comunidade com esse e outros projetos oferecidos pelo *Programa Escola da Família*.



Uma bagunça gostosa que faz bem à vida!



Jogos cooperativos.

Espaço que educa

As palavras vão, mas os gestos ficam.



Uma cidade melhor, um país melhor, um mundo melhor começa no quintal de nossa casa, de nossa escola, de nosso trabalho. Pequenos, mas importantes gestos têm o poder de

educar. Se pensarmos que vivemos em comunidade e que somos constantemente observados por olhos próximos ou distantes, perceberemos o quanto nossas atitudes influenciam o comportamento de outras pessoas – para o bem ou para o mal...

Cuidar dos espaços onde vivemos e convivemos desperta e instaura no outro o sentimento de preservação e de carinho. O companheiro de lida, de estudos, de lazer também acaba sendo corresponsável pela qualidade da manutenção desse espaço.

Certa vez conversei com uma funcionária de uma universidade, aqui em São Paulo – que, diga-se de passagem, possui espaços belíssimos e sem nenhuma pichação, lixo nos corredores ou qualquer outro sinal de

violência ou desleixo – e perguntei o que faziam para que as paredes não tivessem rabiscos e desenhos, daqueles típicos de vandalismo urbano. E ela me respondeu:

“Temos uma filosofia: se pichou, imediatamente pintamos; se sujou com lixo, varremos e lavamos; se quebrou, consertamos. Vencemos os alunos que têm esse hábito, pela cansa. Não é fácil, mas dá menos trabalho e é mais barato do que pintar e arrumar tudo de uma vez durante as férias escolares. O interessante é que os próprios alunos vigiam os espaços e quando isso acontece vêm correndo nos falar ou mandam mensagem anônima. Conseguimos diminuir o número de funcionários da limpeza.”

Esse depoimento fez-me avançar em minhas reflexões: na

verdade, bem mais do que desejar delatar o vândalo responsável pela depredação ao patrimônio, existe no íntimo da pessoa que denunciou a intenção de realmente querer cuidar. Cuidar para que visualmente o lugar continue sendo limpo, bonito, agradável para se estar. É como banheiro. Alguém gosta de usar um banheiro sujo, malcheiroso, com paredes encardidas, com chão molhado de urina...? Alguém tem coragem de dizer que sim?

Assim é a escola. Só que não podemos esquecer de que somos referenciais para nossos alunos e pessoas das comunidades atendidas pelo PEF. Quando falamos, mas não praticamos aquilo que é falado, acabamos por ter um discurso mentiroso, vazio e ilegítimo. Já cansamos de ver colegas que exigem a

limpeza das salas de aulas por parte de seus alunos, mas são incapazes de jogar o próprio lixo no local adequado para isso, quando tomam um lanchinho ou um cafezinho na sala dos professores. Estou exagerando? Essa é a vida como ela realmente é!

Então, sejamos nós os primeiros a dar o primeiro passo. Dessa forma, conseguiremos resgatar o *Jogo Limpo*, prática tão comum logo que o PEF teve início em 2003. Sabemos que há coisas que realmente são de competência e dever de sujeitos de outras esferas do poder, mas também que podemos e devemos ser protagonistas de mudanças e de bons resultados. Basta um gesto!

À época da última *Copa do Mundo* em nosso País, fiquei abismada quando ouvi e li os

comentários exacerbados, veiculados nas mídias, sobre o nobre gesto dos japoneses que recolheram o lixo deles e de outros – não se esquecendo de que grande parte de torcedores eram brasileiros! Meu Deus, precisávamos que nossos irmãos orientais viessem aqui para nos ensinar o que é ser um cidadão consciente? Francamente? Senti muita vergonha e irritação. Triste não?

Então é isso, vamos criar um movimento de preservação crescente e contínuo nos espaços escolares, que permita a quem atua e participa no *Programa Escola da Família* adotar uma postura permanente de **bem cuidar**, e que esse gesto torne-se, naturalmente, um estilo de vida. Alguém muito sábio já disse: *Educamos com o exemplo!*



A Palavra é Sua

Seção 8

Sugestões

Este espaço é dedicado a sua opinião, ideias e sugestões – ele é seu! Portanto, sinta-se à vontade para registrar o que pensa o que sente. Suas impressões guiarão nosso propósito para que este instrumento seja, crescentemente, a voz, o coração e a identidade do PEF.

Agora é com você, a palavra é sua!

*Para participar desta seção,
reporte-se ao e-mail
escoladafamilia@fde.sp.gov.br.*